SEVERINA ENEIDA DA SILVA

RESUMO

Sendo a Educação que está mais sofrendo com manobra de prevê reestruturação de várias leis educacionais que inclui apagar vários direitos até então garantidos nos documentos legais que regularizam a educação brasileira no caso a LDB 9394/96 (Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional). Ações essas que passam desde cortes e não investimentos na educação a alteração no formato que os conteúdos e métodos a serem trabalhados nas escolas. Ambas preocupações passam a ser o foco de atenção ou melhor de ocupação – de toda a sociedade a partir do que os maiores prejudicados, os estudantes, reflexão da obra Pedagogia da Esperança, se percebe, como os mesmos se a assemelham e ao mesmo tempo, ampliam as concepções de transformação de mundo debatidas esperançosamente por Paulo Freire, que defendia a escola como um espaço democrático que partilha com a vida dos que a frequentam e da comunidade que a cerca. Creio importante chamar a atenção nesta altura para algo que se acha enfatizado na pedagogia do oprimido- a relação entre clareza política na leitura do mundo e os níveis de engajamento do processo de mobilização e de organização para a luta, para a defesa dos direitos, para reivindicação da justiça. (Freire. P. “Pedagogia da Esperança” 1992. p. 21)

PALAVRAS-CHAVE: Esperança; Educador; Solidariedade; Educação; Respeito.

INTRODUÇÃO

Pedagogia da Esperança, de Paulo Freire foi publicada no ano de 1992, retratando o encontro de Paulo Freire com uma outra obra já publicada em 1967, Pedagogia do Oprimido, quando o autor se encontrava em exílio no Chile, devido a ditadura militar brasileira.

O ano de 1992 foi, sem dúvidas, um ano de muitas mudanças no cenário político brasileiro, já que foi durante este período que o movimento conhecido como “Caras-Pintadas” saiu às ruas para pedir o impeachment do, até então presidente, Fernando Collor de Mello.

O movimento “Caras-Pintadas” era composto em sua maioria por jovens e estudantes que saíram às ruas com os rostos pintados em protesto contra os acontecimentos que vinham abalando o governo do presidente Fernando Collor.

Fernando Collor havia sido eleito por meio de eleições diretas, ou seja, com a participação do povo, depois de um longo período no qual o direito ao voto havia sido negado à população brasileira, devido ao Golpe Militar de 1964. Assim, as eleições de 1989, na qual Collor foi eleito presidente do país, possui um grande significado e importância para a história do Brasil. Porém, pouco tempo depois das eleições, o governo de Collor começou a mostrar algumas falhas, gerando diversas denúncias de corrupção feitas por pessoas ligadas ao presidente. O descontentamento com o governo fez com que jovens, em sua maioria, estudantes saíssem às ruas, com os rostos pintados com as cores do país (verde e amarelo) - daí o nome dado ao movimento - para protestarem contra o governo em questão. Foram essas manifestações e protestos que fizeram o Congresso Nacional aprovar a abertura do processo de impeachment contra o presidente brasileiro Fernando Collor de Mello. Após esse processo, o presidente acabou por deixar o cargo em dezembro deste mesmo ano.

É importante destacar que, enquanto ocorria todo o processo de impeachment do presidente Fernando Collor, também foi realizado no Brasil, neste mesmo ano, na cidade do Rio de Janeiro, o encontro da ECO-92.

A ECO-92 foi uma conferência da cúpula de Meio Ambiente, na qual estiveram reunidos mais de 100 chefes de Estado, com o objetivo de discutirem temas ligado ao Meio Ambiente e Desenvolvimentos dos países participantes. Nessa conferência surgiram conceitos e temas que são muito discutidos atualmente, como desenvolvimento sustentável e biodiversidade.

E foi nesse cenário político que o livro Pedagogia da Esperança de Paulo Freire foi publicado no Brasil, trazendo inúmeras discussões de ordem política, social e educacional, além de trazer a revisão de conceitos antes discutidos em Pedagogia do Oprimido, obra famosa no mundo inteiro.

Conceitos importantes em Pedagogia da Esperança Pedagogia da Esperança é uma obra que traz consigo muitos conceitos novos bem como também retoma outros conceitos apresentados em Pedagogia Oprimido, como por exemplo o conceito do inédito viável que pode ser definido como uma esperança histórica, ou seja, uma crença em algo que pode vir acontecer, que ainda não existe, está apenas na utopia, utopia esta que pode ser alcançada através de umas práxis libertadoras. Assim, o inédito viável pode ser definido como a certeza da realização do sonho. Este conceito nos remete a nas ações dos seres humanos comprometidos com a mudança da realidade, sendo

como a possibilidade do novo na sociedade.

Paulo Freire usa esse conceito dizendo que essa esperança crítica deve acontecer nas situações-limites, porém, para isso, o homem precisa passar por uma educação com a esperança, para que esta não seja experimentada de forma incorreta.

Uma das tarefas do educador ou educadora progressista, através da análise política, séria e correta, é desvelar as possibilidades, não importam os obstáculos, para a esperança, sem a qual pouco podemos fazer porque dificilmente lutamos, e quando lutamos, enquanto desesperançados ou desesperados, a nossa luta suicida, é um corpo-a-corpo puramente vingativo. (2004, p. 16)

É pensando nisso, no papel dos educadores progressistas, que devem, através da educação oferecida para educandos, possibilitar que estes tomem consciência de seu estado de oprimido para que possam lutar contra a opressão sofrida, muitas vezes sem sequer ser percebida, que Paulo Freire em sua Pedagogia da Esperança diz, durante o tempo em que passou no exílio na cidade de Santiago, no Chile, devido Golpe Militar Brasileiro de 1964, que seu maior pecado para ter sido exilado foi alfabetizar as pessoas para a conscientização e participação política. Alfabetizar para que o povo emergisse da situação de dominado e explorado e que assim, se politizando pelo ato de ler a palavra, pudessem reler o mundo e mudarem suas condições de vida, já que é esta leitura do mundo que possibilita a análise das situações-limites vividas pelos educandos, além de ser também através desta que é possível encontrar o inédito viável. Onde ao contrário de se optar em parar nas situações limites e aceitar a estagnação histórica, o que implica estar a serviço da opressão e tomar para si as situações problemas, constituindo assim uma postura crítica diante do mundo.

Dessa forma, é possível perceber que a Pedagogia da Esperança é aquela que vai contra os opressores ao mesmo tempo que vai em defesa do radicalismo crítico.

Para que isso ocorra, segundo o autor, é preciso que os educadores, em especial, aqueles que participam da educação de jovens e adultos, respeitem o senso comum, ou seja, o conhecimento trazido pelos educandos das suas culturas e experiências adquiridas na participação nas mais diversas práticas sociais, já que respeitar o saber popular é respeitar o contexto cultural de cada educando. Por isso, não se deve subestimar ou negar as experiências trazidas pelos alunos.

Porém, se faz necessário salientar que o autor também destaca que esse respeito pelo conhecimento trazido pelos alunos não pode ser tido como limitador da aquisição de novos conhecimentos. Na verdade, é preciso que o professor amplie o conhecimento já existente. Segundo Pulo Freire (1992):

Se não é possível defender uma prática educativa que se contente em girar em torno do senso comum, também não é possível aceitar a prática educativa que, zerando o saber de experiência feito, parta do conhecimento sistemático do educador.

É preciso que o educador saiba que seu aqui e o seu agora são quase sempre o lá do educando. Mesmo que o sonho do educador seja não somente tornar o seu aqui agora, o seu saber, acessível ao educando, mas ir´mais além de seu aqui agora com ele ou compreender, feliz, que o educando ultrapasse o seu aqui, para que este sonho realize tem que partir do aqui do educando e não do seu. No mínimo, tem de levar em consideração a existência do aqui do educando e respeitá-lo. No fundo, ninguém chega lá, partindo de lá, mas de um certo aqui. Isto significa, em última análise, que esperança que Paulo Freire mantinha não é possível ao educador desconhecer, subestimar ou negar os saberes de experiência feitos, com que os educandos chegam à escola. (p. 81-82).

E acrescenta: Uma das tarefas da educação popular progressista, ontem como hoje, é procura, por meio da compreensão crítica de como se dão os conflitos sociais, ajudar o processo no qual a fraqueza dos oprimidos se vai tornando força capaz de transformar a força dos opressores em fraqueza. Esta é uma esperança que nos move. (p. 174)

Para que essa fraqueza dos oprimidos diminua e se transforme em força, o autor traz o conceito de unidade na diversidade. Este conceito refere-se ao fato de que existem diversos tipos de grupos oprimidos, como foi constatado por Paulo Freire durante uma experiência que ele conta no livro Pedagogia da Esperança, na qual em um seminário em que participou na cidade Chicago, Estados Unidos, o autor pode observar diversos grupos, como, por exemplo, negros, índios, mulheres, entre outros, que se sentiam oprimidos, mas desejavam ter para cada grupo específico um local próprio.

Nesse momento, tem-se a necessidade de haver uma unidade na diversidade, ou seja, apesar das diferenças, é preciso que estes grupos se unam para gerar uma unidade que possui todas as forças juntas para que haja a possibilidade de luta e de vencer essa condição na qual se encontram. Isso porque, é através da unidade na diversidade que se cria a multiculturalidade, isto é, a convivência em um mesmo espaço de diferentes culturas. Porém, isso demanda uma vontade política, uma mobilização e organização de cada grupo, que devem possuir um fim em comum. Para que essa unidade na diversidade exista, é preciso que haja uma luta política, que requer mobilização e organização das forças e uma prática educativa

que vá de encontro com esses objetivos.

E foi tentando criar uma prática educativa que fosse de encontro com esses objetivos que as universidades de Buenos Aires, Argentina, visitadas por Freire, tentavam se encontrar com os mais diversos movimentos sociais para estabelecer uma relação entre a ciência universitária e a consciência das classes populares. Tudo isso havia sido pensado com a finalidade de diminuir a distância existente entre o conhecimento produzido nas universidades (conhecimento científico) e o produzido nas classes populares (senso comum), mas sem perder a seriedade e o rigor. Dessa forma, seria possível ver o ensino como algo interdisciplinar e não disciplinar.

Esse encontro entre o conhecimento científico e o conhecimento popular é algo extremamente importante para se discutir na educação popular, já que existem diversos conceitos vindo do conhecimento popular que já tiveram sua validade atestada pelo conhecimento científico.

Assim, discutir isso com os educandos da educação de jovens e adultos é uma forma de fazer com que estes percebam que também possuem conhecimentos significativos, que devem, inclusive, serem levados em consideração pelos educadores, como já mencionado anteriormente.

Para Paulo Freire "O papel da universidade, seja progressista ou conservadora, é ensinar, é formar, é pesquisar. O que distingue uma universidade conservadora de outra, progressista, jamais pode ser o fato de que uma ensina e pesquisa e a outra nada faz." (1992, p.262). Isso porque, para o autor, à docência e a pesquisa (papeis da universidade) devem caminhar sempre juntas, sendo impossível separá-las, já que não existe docência que não leve para a pesquisa, como uma forma de Indagação.

APRESENTAÇÃO DA OBRA

O livro A Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido foi publicado em 1992, sendo uma obra que não apresenta capítulos, podendo ser dividida em três partes: na primeira parte analisa-se como se iniciou a Pedagogia do oprimido e sua relação com o exílio do autor no Chile. Na segunda parte observa-se as críticas feitas nos anos 70 à Pedagogia do oprimido, enquanto que, na terceira parte ocorre a retomada da Pedagogia do oprimido com o objetivo de se refletir sobre os acontecimentos que ocorreram até a formulação da Pedagogia da esperança.

O Livro é uma produção com características biográficas. Nela Paulo Freire relembra momentos vividos, faz reflexões, reafirma e revê práticas e discursos, sempre dialogando com sua própria história. Depois de décadas, Paulo Freire não se reencontra com os originais da Pedagogia do oprimido, mas com o livro, no sentido de repensá-lo, de redizê-lo. Além disso, analisa e responde a algumas críticas que lhe foram feitas na década 70.

Na releitura que faz da Pedagogia do oprimido, Paulo Freire encontra-se com sua própria vida, com as "tramas" por ele vividas; as experiências pessoais da infância e da adolescência, seu início e fim de carreira como advogado, as experiências vividas no SESI de Pernambuco, e também as obras de diversos autores que foram lidas por Freire, além de seu mandato como secretário de Educação da cidade de São Paulo entre 1989 e 1991, assim como o período que esteve exilado no Chile.

A fim de alcançar um cenário mais democrático e humanizador, ao relatar em seu livro sua passagem pelo SESI, em uma reunião em que discutia a importância do diálogo entre as famílias, para substituir os castigos violentos, Paulo Freire relata o aprendizado que teve com um trabalhador:

- Agora, veja, doutor, a diferença. O senhor chega em casa cansado. (...)- uma coisa e chegar em casa, mesmo cansado, e encontrar as crianças tomadas banho, vestidinhas, limpinhas, bem comidas, sem fome, e a outra é encontrar os meninos sujos, com fome, gritando, fazendo barulho. E a gente tendo de acordar às quatro da manhã do outro dia para começar tudo de novo, na dor na tristeza, na falta de esperança. Se a gente bate nos filhos e até sai dos limites não é porque a gente não ame ele não. É porque a dureza da vida não deixa muito para escolher. (1992, p.27)

A partir da exposição desse trabalhador, ele percebeu que o nosso olhar se faz a partir da classe social a qual fazemos parte e das relações sociais que são construídas ou estabelecidas ao longo do tempo; uma reflexão importante a fim de se desconstruir preconceitos e estigmas que recaem sobre as classes populares.

Paulo Freire responde ao longo do livro algumas críticas que recebe. Com humildade reconhece e valida algumas delas, como no caso das cartas das leitoras norte-americanas, que ressaltando a contribuição do livro para a sua luta, criticam a linguagem machista e discriminatória para com elas. Partindo desse questionamento, Freire entende que o fato de mudar a linguagem machista e autoritária não muda radicalmente o mundo, mas a mudança da linguagem também faz parte do processo de mudança do mundo, ressaltando o caráter intrinsecamente ideológico relacionado à linguagem e as implicações advindas com essa questão.

O livro Pedagogia do Oprimido correu o mundo levando Paulo Freire a fazer inúmeras viagens, principalmente pela Europa, América Latina e África. Através dessas via-

gens ele se encontrou com várias pessoas e deu palestras, sempre discutindo as relações entre classe social, sexismo e racismo.

Sua chegada ao exílio no Chile torna-se, de início, um dilema, pois foi preciso lidar "com sentimentos, desejos, razão, saudades" e mesmo assim preservar sua identidade na atual situação sem perder de vista sua origem; sem perder a Esperança (p.46/47). Freire chega à conclusão de que é muito difícil viver no exílio.

Um dos maiores desafios para Paulo Freire era de como fazer um discurso sobre a sua "leitura de mundo", ou seja, fazer com que homens e mulheres dos grupos populares falassem sobre a suas leituras de mundo, suas experiências pessoais. Em diálogos que manteve com trabalhadores, um no Brasil e outro no Chile, ele se recorda que em dado momento houve um silêncio profundo, quebrado através de um pedido de desculpas de quem se acha sem o saber, pois este acredita que a palavra só pode estar com quem sabe. Observa-se, por esse viés, uma preocupação em um saber dialógico, no qual o conhecimento é compartilhado em uma relação menos hierarquizante entre professor e aluno, mas em um genuíno trabalho de ensino e aprendizagem, de forma mútua.

Ainda segundo Freire, "o educando se torna realmente educando quando na medida em que conhece, ou vai conhecendo [...], e não na medida em que o educador vai depositando nele a descrição dos objetos, ou dos conteúdos" (p.65). Através do diálogo, o professor problematiza com os trabalhadores sobre a ideia de "quem sabe e de alguém que não sabe". Ele faz um jogo de perguntas e respostas, levando aquelas pessoas a compreenderem quem era o opressor. Mostrando assim que os oprimidos e as oprimidas têm que localizar o opressor fora de si, e isso se dá através do diálogo e da leitura do mundo.

Sendo assim, tanto o educador como a educadora progressista têm de estar cientes que não sabem tudo, que o educando tem o direito de acesso aos saberes diversos, e que necessitam aperfeiçoar o que já sabem e vislumbrar novas perspectivas de saberes. Esse processo educativo, baseado no diálogo, no qual educadores e educandos são os Sujeitos do conhecimento compreende base da tríade "aprender-ensinar-aprender." "O (a) professor (a) só ensina, de forma genuína, na medida em que conhece o conteúdo que ensina, ao ensinar, em suas práxis reflexivas. O professor, ou a professora, reconhece o objeto já conhecido, refaz a sua cognoscitividade na cognoscitividade dos educandos" (p.112).

Sendo assim, o processo de conhecimento é criador, crítico e demanda um exercício intelectual, não se realizando por meios de atos mecânicos e autoritários.

Sobre a crítica ininteligibilidade da linguagem utilizada no livro, entendida como rebuscada e elitista, ele responde retomando uma reunião com um grupo de jovens, em 1972, em que alguns deles pareciam não o entender. Na ocasião, aproxima-se a ele um homem negro de uns 50 anos e diz: "Se alguns desses jovens lhe disser que não entende você por causa do inglês que você fala, não é verdade. A questão é de linguagem-pensamento. A dificuldade deles está em que não pensam dialeticamente. E lhes falta ainda a dureza da experiência dos setores discriminados da sociedade" (p. 103).

Freire, também, tece críticas a aqueles que sem tê-lo lido o criticaram, assumindo perspectivas estereotipadas de outros. A crítica a sua obra é bem vista pelo autor, haja vista o aprendizado dialógico que é tão caro para Freire, entretanto, é necessário estabelecer uma leitura séria, dedicada às reflexões que subjazem o trabalho do próprio autor, e não ideias preconceituosas, sem um respaldo teórico.

Pedagogia da Esperança e a formação do educador crítico Para Paulo Freire o profissional que está inserido no contexto da escola formal tem um desafio a mais que é o

enfrentar o conteúdo imposto pelas grades curriculares, que muitas vezes estão desconectadas da realidade vivida culturalmente pelos educandos e educandas. A este educador que se propõe a assumir uma postura crítica frente a essa realidade a ele imposta, cabe desconfiar deste conteúdo imposto e desta escola. Desconfiando descobrirá que esta escola não respeita os interesses e as características culturais de seus educandos e educandas. Ou seja, o fato de que a escola seguir um modelo padrão curricular não significa que todos são iguais.

Daí a vigilância com quem deve atuar, com que devem viver intensamente sua prática educativa; daí seus olhos devendo estar sempre abertos, seus ouvidos também, seu corpo inteiro aberto às armadilhas de que o chamado "currículo oculto" anda cheio. Daí a exigência que se devem impor de ir tornando-se cada vez mais tolerantes, de ir pondo-se cada vez mais transparentes, de ir virando cada vez mais crítico, de ir fazendo-se cada vez mais curioso (p.111)

Nesse sentido, entende-se que o processo educativo deve ter um caráter crítico, para possibilitar que os educandos (as) tenham a possibilidade de aos poucos irem conhecendo e desvelando a realidade e cada vez mais se comprometendo pela luta de sua transformação. Ao longo do livro Pedagogia da Esperança, Freire fala da importância de ocorrer o incentivo dos educadores progressistas a estimularem os educandos a serem sujeitos de sua educação, mas para isso, se faz de grande importância a postura do educador crítico como o que estimula o diálogo, que se torna a base para a quem busca

a transformação, na qual o ato de educar é problematizar e dialogar em torno da realidade.

Assim, o educando vai aprendendo com o educador e o educador aprendendo com o educando em uma relação de educação permanente através do diálogo, sem que uma única opinião prevaleça e sim uma democracia possa ser construída ao longo do aprendizado, tornando o ato de aprender algo prazeroso.

Paulo Freire também traz uma discussão sobre prática educativa, que pode ser uma reflexão importante para se realizar na perspectiva de um educador progressista. Isso porque o autor diz que não há uma prática educativa neutra, ou seja, em qualquer que seja a prática educativa, autoritária ou progressista, ela sempre será uma prática diretiva. Dessa forma, sempre existe o risco de o educador influenciar o aluno. Segundo Freire, "No momento, porém, em que a diretividade do educador ou da educadora interfere na capacidade criadora, formuladora, indagadora do educando, de forma restritiva, então a diretividade necessária se converte em manipulação, em autoritarismo." (1992, p.109).

Para isso, é preciso que o educador respeite as diferenças de ideias e posições que podem surgir entre os educandos, já que o ato de ensinar não é um ato mecânico, mas sim criador de novas ideias e posturas, para que os educandos se tornem cada vez mais sujeitos mais críticos, realizando, assim a "leitura do mundo e da palavra". Isso se torna possível, a partir do momento em que o educador conhece e se familiariza com a linguagem (sintaxe e semântica) dos educandos, para que em um primeiro momento, entenda como é a leitura do mundo feita por eles, e posteriormente, possa ampliar está de uma forma crítica, mas sem nunca impor sua própria leitura de mundo.

Outra discussão trazida por Freire em Pedagogia da Esperança que pode contribuir para a formação docente refere-se aos conteúdos programáticos. A importância dessa discussão está no fato de que ao se pensar práticas educativas e conteúdos programáticos é necessário levar em consideração a existência dos sujeitos, sendo um o sujeito que ensina e aprende e outro sujeito que, embora esteja na condição de aprendiz, também ensina. Além disso, também se faz necessário considerar o objeto a ser ensinado e aprendido e, normalmente, isso requer entender que um objetivo só é aprendido, quando é apreendido, não sendo o aluno um mero depósito de conhecimento para o professor. Assim, uma prática educativa tem processos, técnicas, fins, expectativas, frustrações e a união da prática com a teoria. O educador progressista entende a prática educativa em seu todo e não a fragmenta.

O educador ou a educadora crítica, exigente, coerente, no exercício de sua reflexão sobre a prática educativa ou no exercício da própria prática, sempre a entende em sua totalidade.

Não centra a prática educativa, por exemplo, nem no educando, nem no educador, nem no conteúdo, nem nos métodos, mas a compreende nas relações de seus vários componentes, no uso coerente por parte do educador ou da educadora dos materiais, dos métodos, das técnicas. (p.151)

No entanto, é preciso salientar que não existe uma prática educativa sem conteúdo, e na escolha deste conteúdo a ser ensinado é necessário que os educandos também tenham poder de eleger o que desejavam, pois, as classes populares possuem o direito de saber mais sobre o que já sabem e também de participar do saber que vem sendo construído.

Isso se faz necessário para que o ensino dos conteúdos não se afaste exageradamente da realidade dos educandos, como já mencionado em momento anterior. Contudo, para que essa educação que respeita o conhecimento de mundo já trazido pelos educandos, que os desafie a pensar de modo crítico e que não separe o aprender do conteúdo do ensino do pensar crítico ocorra, é preciso a formação constante, de forma contínua, dos educadores. Essa formação acontece hoje em algumas redes de ensino, a chamada HTPC (Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo), na qual os educadores podem trocar experiências e terem um momento para trabalho e estudo de forma coletiva. Essa foi uma das heranças deixadas por Paulo Freire, assim como diz Leonardo Boff, (2004) no prefácio da Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido: "Ele [Paulo Freire] deixou-nos essa herança sagrada: o mais importante que saber é nunca perder a capacidade de aprender.". (p. 9)

Quando o educador e a educadora assumem uma postura problematizadora e libertadora, sempre deve estar aberto a posições contrárias de outros colegas que deverá incomodá-los, porém, deverá também partilhar sua satisfação pedagógica. Pensando em processo dialógico essas opiniões se tornam aspectos importantes quando pensamos em uma educação libertadora e democrática.

SEGUNDA PARTE: DEBATE DA PEDAGOGIA DA ESPERANÇA

REPERCUSSÃO DA OBRA: CAMPO POLÍTICO E EDUCACIONAL

Como Leonardo Boff pontua na edição da Pedagogia da Esperança pela editora Paz e Terra, de 2004, a obra de Paulo Freire é uma permanente "diálogo-ação", ou em outras palavras, as pessoas, em seus contextos

sociais particulares, em sua realidade circundante, aprendem a todo momento, dialogando entre si, no ato de trocar experiências e saberes, em uma construção coletiva de suas histórias. Nesse sentido, a importância do ato de aprendizagem, o ininterrupto saber que é adquirido a todo momento, nas mais diversas situações, expande-se para além das fronteiras escolares, constituindo uma prática política.

Para se compreender o impacto político e social da Pedagogia da Esperança, faz-se necessário revisitar a obra anterior de Freire, a Pedagogia do Oprimido. Ainda segundo Boff (2004), a Pedagogia do Oprimido é mais do que um livro, é sim uma prática pedagógica que parte de uma concepção ético-humanística: o amor ao ser humano que é oprimido, em favor de sua libertação. O ser humano oprimido compreende a grande maioria da população marginalizada nas grandes cidades ou no campo, especialmente ao analisar o cenário nacional ou da América Latina. A opressão, por sua vez, se dá através da internalização de um discurso opressor que subjetiva os indivíduos e tolhe a voz, as vontades, as individualidades da pessoa pobre, muitas vezes, negro, índio, das mulheres, por exemplo; grupos historicamente subjugados socialmente.

Nesse viés, ao pensar na Pedagogia do Oprimido e na Pedagogia da Esperança, é importante considerar que os conceitos de Freire ultrapassam o campo educacional, abarcando conceitos mais amplos como a solidariedade, amor e fraternidade, por exemplo, questões que estão intrinsecamente ligadas a vida em sociedade, e à uma própria concepção de sociedade, ideologicamente construída. É, justamente, por apresentar conceitos tão fecundos e universais, como a própria ideia de "amor", a obra de Paulo Freire apresentou grande repercussão mundial, suscitando diversos debates e discussões. O próprio Paulo Freire cita no livro um episódio no qual é convidado a repensar a linguagem utilizada na Pedagogia do Oprimido, a fim de esclarecer alguns aspectos que foram considerados machistas por leitoras norte-americanas ao considerarem que o autor discutia questões como opressão e libertação, mas não considerava a questão do gênero, que é vista como ideológica pelo próprio Paulo Freire, além de apresentar uma reflexão sobre as críticas feitas sobre sua obra que a consideram elitista. Desta forma, através das diversas indagações e pedidos de aprofundamento que a Pedagogia da Esperança se propõe uma revisitação à obra anterior.

O próprio título já faz menção ao projeto político empreendido por Freire em sua obra. Uma pedagogia de esperança que busca colocar a luz as injustiças sociais que são perpetuadas através dos anos, e que ecoam em discriminação uma esperança, como Boff (2004) pontua, faz menção à uma possibilidade de transcender esse cenário, a fim de um futuro eticamente mais justo, democrático e humanizador.

QUESTÕES DESENVOLVIDAS NO DEBATE: TROCANDO EXPERIÊNCIAS EM SALA DE AULA

Como professores em formação e já atuantes na rede, pensando na educação não opressora discutida ao longo das obras de Paulo Freire, e destacada na Pedagogia da Esperança, ajudariam o aluno a se colocar em um processo de apropriação criadora do conteúdo e não simplesmente de aceitação passiva ao mesmo?

Tendo em vista as discussões que surgem a partir da Pedagogia da Esperança é possível criar uma educação na qual educandos e educadores aprendam mutuamente? Como seria esse processo na prática? O que poderia ser (re)pensado para a EJA?

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E A PEDAGOGIA DA ESPERANÇA

A repercussão da obra de Freire se deu de forma universal, rompendo com os limites nacionais e se aplicando em diferentes realidades sociais. No campo da Educação de Jovens e Adultos, a fim de exemplificar esse frutífero diálogo tecido, cabe ressaltar as importantes contribuições que conceitos da obra Pedagogia da Esperança e da Pedagogia do Oprimido fizeram para documentos como a Proposta Curricular do MEC para Língua Portuguesa. A elaboração de uma proposta curricular para o Ensino de Jovens e Adultos tem sua importância no sentido de fornecer subsídios para educadores e educadoras que proponham cursos voltados para a modalidade, a fim de elaborar um programa ajustado às necessidades específicas do público alvo. Os próprios objetivos postulados pela proposta já dialogam com os conceitos freireanos, como pode se observar no trecho extraído do documento: "Na reflexão pedagógica sobre essa modalidade educativa [Educação de Jovens e Adultos], tem especial relevância a consideração de suas dimensões social, ética e política. " (2001, p. 13). Observa-se aí uma preocupação cara à Paulo Freire, a consciência do educador progressista em relação à realidade de seus educandos, do seu "Aqui" e "Agora", que devem ser considerados no processo de ensino-aprendizagem.

Além do aspecto supracitado, evidencia-se, também no documento, a concepção de uma Educação Popular, na qual o diálogo e a participação são fundamentais. Conceber a ideia de Educação Popular diretamente dialoga com os conceitos de Paulo Freire, ao se conceber o educando como um sujeito portador de saberes e vivências, e não uma "tábula rasa". Para Paulo Freire, a tarefa do educador democrático é partir do conheci-

mento do educando a fim de que ele o desenvolva, uma linguagem que dialogue diretamente com o contexto circundante. Nesse sentido, especificamente na modalidade EJA, refletir sobre as lições de Paulo Freire é fundamental, haja vista que sua especificidade precisa ser considerada no processo de aprendizagem, e não uma "adaptação" de saberes escolares - muitas vezes infantilizados - que não dialogam com a realidade dos alunos.

Conceber a Educação de Jovens e Adultos como uma educação popular agrega à concepção um valor democrático, que concebe o direito humano de se ter acesso aos diferentes bens culturais e escolares por parte da população. Essa concepção, advinda com Paulo Freire, es, em sujeitos estigmatizados e opressões. É por denota rompe com o antigo paradigma da EJA como uma rede filantrópica de ajuda, e não de direito. Os professores Galvão e Soares (2006) já refletiam sobre esse aspecto, presente, segundo os autores, desde o século XIX, no qual o ensino de adultos estava associado, intrinsecamente, à uma ideia de "civilização das camadas populares" (p. 32), consideradas degeneradas e perigosas. Desde esse período, redes de alfabetização informais já começaram a insurgir, principalmente entre os escravos, a fim de desempenhar seus ofícios urbanos.

Com esse ideário filantrópico, Galvão e Soares (2006) alertam que diversos preconceitos contra adultos não-alfabetizados passaram a se difundir, principalmente, a ideia de que era necessário "iluminar" as mentes daqueles que se mantinham nas "trevas" da ignorância, passando à égide de "vergonha nacional" a partir da República. É importante considerar de que forma concepções históricas, como as citadas, ainda se fazem presentes no ethos dos adultos não-alfabetizados no século XXI. Paulo Freire, de forma transgressora, questionou esses paradigmas fortemente difundidos em seu tempo, colocando à luz a ideia de que o adulto analfabeto é provido de saberes e experiências que precisam ser levadas em consideração na prática de ensino-aprendizagem. Desta forma, faz-se necessário considerar que se os cursos de licenciatura pelo país concebem uma ideia diferente da de filantropia, desconstruindo o arquétipo pejorativo associado ao adulto não-alfabetizado, muitas das considerações foram construídas a partir de Paulo Freire, seja questionando sua obra ou difundindo-a.

"UMA PEDAGOGIA DE E S - PERANÇA": A FORMAÇÃO DO EDUCADOR

Um aspecto relevante que pode ser observado nesta obra de Paulo Freire refere-se ao fato de ser uma ferramenta para colaborar com a formação profissional do educador e educadora, pois a prática educativa, ou seja, o ensino e aprendizagem de forma ampla, que extrapola os limites da escola, pauta-se em pontos centrais na Pedagogia da Esperança, tais como: a sabedoria popular, a experiência sociocultural dos educandos e sua compreensão do mundo a partir do meio que os educandos estão inseridos, desta forma, faz-se necessário considerar como os sujeitos são e suas especificidades, a história de vida, as relações familiares e afetivas que integram aspectos culturais, sociais, econômicos, além das crenças, valores, ideologias, princípios e o modo de interpretar os acontecimentos em sua volta através do uso da língua - seja oral seja escrita e suas variedades – e da linguagem - que compreende as diversas formas de expressão por meio do corpo, som, símbolo, imagem, entre outros -, tendo em vista o uso e a intenção comunicativa em um dado contexto.

A partir das considerações apresentadas também se possibilita um pensar sobre ou um debate para desconstruir preconceitos e diminuir a desigualdade, dessa maneira, modifica-se a realidade tanto dos educandos quanto dos educadores, e de forma mais abrangente, as relações sociais são alteradas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É interessante observar como os conceitos freireanos se fazem presentes nos diversos âmbitos de construção de uma educação verdadeiramente libertadora. Freire desperta no professor a certeza de que conceitos fundamentais como "fraternidade", "amor" e "respeito", podem se fazer presentes em uma prática pedagógica que leve em consideração a individualidade do educando e seus saberes particulares. A tarefa que transformar o conhecimento escolar em um mecanismo de transformação social demanda do educador uma tarefa auto avaliativa constante, a fim de reavaliar suas práxis, em um processo de descobertas de novos olhares sobre o objeto de ensino. Podemos observar que o papel do educador é, sobretudo, de resistência, através do desenvolvimento de uma pedagogia crítica e séria, mas também de "amor" ao conhecimento e respeito aos seus educandos; uma educação de esperança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FREIRE, P., In: Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.

Prefácio de Leonardo Boff. Notas: Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 14ª ed., 1992.

FREIRE, P., In: Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.

Prefácio de Leonardo Boff. Notas: Ana Maria Araújo Freire.17ª ed- São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. SOARES, Leôncio José Gomes. História da alfabetização de jovens e adultos no Brasil. In:. ALBUQUERQUE, E.B.C. e LEAL, T.F. (org.). A alfabetização de jovens e adultos em uma perspectiva de letramento. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 27-58.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Educação para jovens e adultos: ensino fundamental: proposta curricular-1º segmento/ coordenação e texto final (de) Vera Maria Masagão Ribeiro;

- São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 2001.